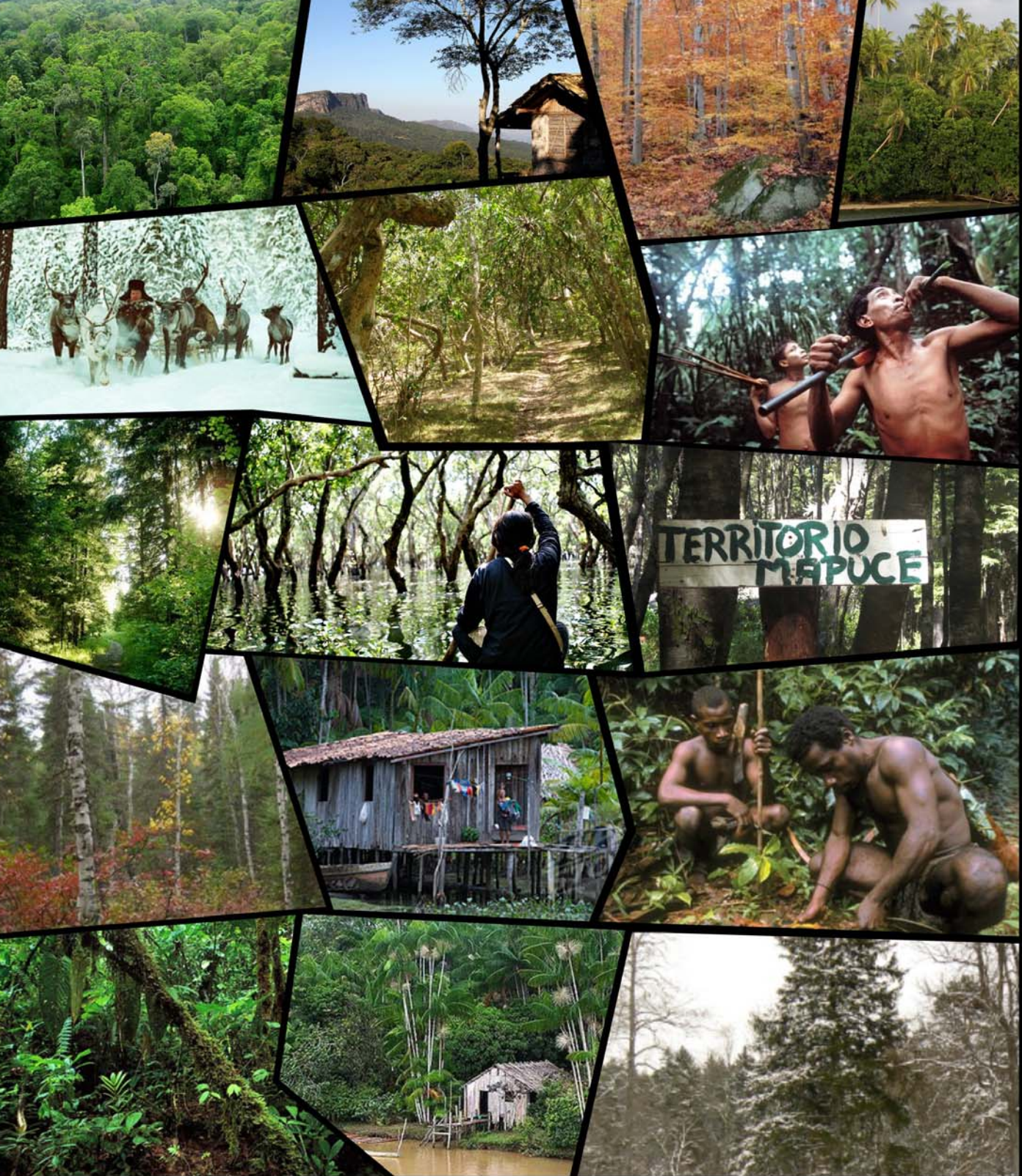




A definição de floresta



Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais

A definição de floresta

Introdução

Quando tratamos de um tema como ‘*a definição de floresta*’, a primeira coisa que chama a atenção é o fato de que, apesar de que existirem muitas definições de floresta em diferentes lugares do mundo, há uma definição, de caráter mais oficial e internacional, à qual muitos governos nacionais, instituições e outros órgãos e organizações se referem. Trata-se da definição de florestas da FAO, a Organização Mundial das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura.

Ora, imagina-se que, para definir floresta, é necessária a contribuição não só de especialistas, como biólogos, ecólogos e engenheiros florestas, mas também do conhecimento profundo das pessoas que vivem numa floresta ou que dependem dela.

Mas na realidade, pela forma como a FAO tem definido uma floresta, não percebemos a participação desses povos, o que resulta numa série de problemas. Vale ressaltar que a FAO não vive numa floresta, ao contrário, sua sede principal é localizada na cidade de Roma, a capital da Itália.

Quem é a FAO e como ela define a floresta?

A FAO foi fundada em 1945 e, segundo sua página na internet, “*lidera os esforços internacionais para combater a fome*”(leads international efforts to defeat hunger). Para isso, ela pretende agir da seguinte forma: “*Estando a serviço tanto dos países desenvolvidos quanto dos em desenvolvimento, a FAO atua como um fórum neutro onde todos os países se encontram como iguais(.)*”¹ (Serving both developed and developing countries, FAO acts as a neutral forum where all nations meet as equals...) Será então que sua definição de floresta abriga a diversidade de visões e opiniões dos países membros e, sobretudo, dos povos que habitam as florestas e demais estudiosos da floresta nesses países?

Há anos que a FAO define a floresta como uma “*área medindo mais de 0,5 ha com árvores maiores que 5m de altura e cobertura de copa superior a 10%, ou árvores capazes de alcançar estes parâmetros in situ*” (Land with tree crown cover (or equivalent stocking level) of more than 10 percent and area of more than 0.5 hectares (ha). The trees should be able to reach a minimum height of 5 meters (m) at maturity *in situ*.)²

¹ <http://www.fao.org>

² <http://www.fao.org/docrep/006/ad665e/ad665e06.htm>

| Essa definição chama a atenção por algumas razões.

Primeiramente, podemos fazer a seguinte pergunta: por que essa definição considera apenas as árvores na sua formulação e não outros seres e organismos vivos como as plantas, os insetos, os mamíferos, os répteis, os pássaros e, até mesmo, os povos da floresta, como partes integrantes de uma floresta?

Em segundo lugar, a definição, além de se limitar à presença de árvores, decide ainda sobre a altura e densidade das mesmas e o tamanho de uma área para ser considerada uma floresta. A partir dessa definição, as florestas na Amazônia, na Bacia de Congo, na Indonésia e Malásia, e outros países tropicais, com sua enorme diversidade e riqueza de seres vivos e espécies, são obviamente consideradas florestas.

Mas, a definição da FAO permite também que os milhões de hectares de monoculturas de eucalipto, pinus e outras espécies, que estão se expandindo nesses e em outros países do hemisfério Sul, expulsando populações indígenas e camponesas e causando outros impactos negativos ambientais, sociais, culturais e econômicos para essas populações, também sejam considerados ‘florestas’.

O que determina a forma como a FAO define a floresta?

Vemos que a definição de floresta da FAO é muito distante do mais simples senso comum do que é uma floresta. Tampouco se trata de uma definição séria no sentido de dar conta da complexidade do ecossistema floresta. A conclusão mais óbvia é que a forma como a FAO define floresta deve interessar a alguém ou a algum grupo de interesses.

Será que essa definição interessa aos povos da floresta? É verdade que quase todos os povos fazem uso de madeira para fazer uma canoa, uma casa, uma cerca, etc. Mas, como veremos mais a diante, não é só isso que define para eles a importância da floresta.

No entanto, há sim um grupo de atores que têm apenas interesse na madeira, como as empresas madeireiras e as empresas que usam madeira como matéria prima para a indústria de papel e celulose, além de outras. Essas últimas têm incentivado a destruição de florestas naturais em busca de madeira e, cada vez mais, investem em plantações de monoculturas de árvores em larga escala e de rápido crescimento.

Para esse setor industrial, a importância de uma floresta natural se traduz unicamente na presença de árvores enquanto o resto não tem valor econômico. Com as crescentes restrições ao corte de árvores nas florestas nativas, se tornou muito interessante para esse setor plantar árvores de rápido crescimento na forma de

monocultura, visando inclusive uma maior produtividade de madeira, tornando, por sua vez, a fabricação de celulose e papel, carvão vegetal, etc., bastante lucrativa.

A área de conhecimento que estuda esse tipo de plantação se chama silvicultura. A silvicultura foi desenvolvida na Europa há mais de 200 anos. Por suas próprias características de estar voltada para a questão da produtividade de madeira, de ser praticada em forma de monocultura e no campo, fizeram com que esse setor sempre estivesse muito próximo às principais empresas de papel e celulose, universidades e instituições estatais de agricultura.

Portanto, não causa surpresa que a silvicultura seja um assunto tratado pela FAO: *“Ajudamos países em desenvolvimento e países em transição a modernizar e melhorar suas práticas de agricultura, silvicultura e pesca e assegurar uma boa nutrição para todos”* (grifo nosso) (We help developing countries and countries in transition modernize and improve agriculture, forestry and fisheries practices and ensure good nutrition for all).

A FAO, por sua vez, mantém relações estreitas com a indústria de papel e outros produtos à base de madeira, por exemplo, através de diferentes órgãos estatutários que assessoram o Departamento de Silvicultura da FAO. Um desses órgãos se chama ‘Comissão Consultiva sobre Produtos de Papel e Madeira (Advisory Committee on Paper and Wood Products) (ACPWP), que consiste em executivos da indústria de papel e madeira. Conforme afirma a página da FAO, a Comissão *“encontra-se anualmente com o objetivo principal de oferecer direção às atividades e programa de trabalho do Departamento de Silvicultura da FAO sobre assuntos relevantes para a indústria de papel e produtos florestais”*, supostamente para *“apoiar países-membros nos seus esforços de avançar no desenvolvimento sustentável”*.³ (meets yearly with the main objective of providing guidance on activities and programme of work of the FAO Forestry Department on issues relevant to the paper and forest products industry, in support of member countries efforts to progress towards sustainable development).

No último encontro anual dessa Comissão, em maio de 2011, houve apresentações com títulos que não deixaram dúvidas sobre a relação próxima da FAO com esse setor corporativo: *“O que a industrial florestal (madeira, celulose e papel) pode fazer melhor para ter mais êxito na renovação da sua imagem perante a sociedade civil?”* (What can forest industry (wood, pulp, paper) do better to become more succesful in its image renewal with the civil society?) e *“Quais são as trajetórias, novos modelos empresariais e parcerias que ajudarão transformar a indústria florestal num novo gigante verde?”* (What are the innovation trajectories, new business models and partnerships that will help turn forest industry into a new green giant)⁴

³ <http://www.fao.org/forestry/industries/9530/en/>

⁴ <http://www.fao.org/forestry/industries/9530/en/>

Outro resultado dessa parceria entre a FAO e o setor corporativo é a prática de fazer publicações em conjunto, como foi o caso do relatório divulgado em 2008 chamado *“Impacto da indústria global florestal sobre gases atmosféricos de efeito estufa”* (Impact of the global forest industry on atmospheric greenhouse gases), realizado pela FAO junto com o Conselho Internacional de Associações de Florestas e Papel (International Council of Forest and Paper Associations) (ICFPA). O objetivo do estudo era *“melhorar a imagem da indústria em negociações internacionais sobre o aquecimento global”* (raise the industry’s profile in international negotiations on global warming)⁵

E os povos da floresta ou que dependem dela, como a definem?

Os povos da floresta, segundo a própria FAO, são 300 milhões de pessoas, e há outras 1,6 bilhões de pessoas cuja sobrevivência depende das florestas⁶. Apesar de a FAO estimular a participação dessas pessoas no manejo florestal a nível local e regional, não vemos esses povos representados nos principais órgãos da instituição. Será que para eles que vivem nas áreas de florestas, uma floresta é apenas um conjunto de árvores?

Para averiguar isso, o WRM produziu este ano um audiovisual (www.wrm.org.uy/bosques.html) que possibilita que alguns moradores da floresta de diferentes países e continentes, homens e mulheres, indígenas e não-indígenas, possam falar sobre a importância da floresta na sua vida e o que seria da sua vida sem a floresta.

As respostas são bem diferentes do que a definição da FAO pretende ‘ensinar’ para o mundo como uma definição correta. O que chama a atenção são o carinho e o cuidado com que as pessoas falam da floresta, o que pode ter um motivo bem simples e claro, também comentado pelas pessoas. A floresta é como uma ‘casa’ para elas, oferecendo tudo que é importante para uma vida de qualidade, como alimento, medicamento, água e proteção. Em nenhum momento, uma monocultura de eucalipto ou pinus se encaixaria nas definições amplas e ricas, formuladas por essas pessoas.

E quando é perguntado o que seria da vida delas sem a floresta, percebe-se que é a própria floresta que dá sentido à sua vida, garantindo a sobrevivência não só física, mas também cultural e espiritual.

⁵ WRM Bulletin, nr. 157. (www.wrm.org.uy) How FAO helps greenwash the timber industry’s greenhouse gas emissions. By Chris Lang. August 2010.

⁶ http://foris.fao.org/static/data/fra2010/FRA2010_Report_1oct2010.pdf

O que está em jogo?

Não há mais dúvida sobre a importância das florestas para a manutenção da vida no planeta. Por isso, chamar uma monocultura de árvores de mais de 100 mil hectares de “floresta” é uma conquista gigante e um empoderamento enorme para as indústrias de papel e celulose, de carvão e outros produtos, que promovem as monoculturas de árvores no Brasil, no Chile, na África do Sul, em Moçambique, na Tailândia, Indonésia e tantos outros países.

Ao legitimar essas monoculturas como ‘florestas’, esse setor corporativo consegue com mais facilidade convencer autoridades e populações da ideia de que sua atividade recuperara o meio ambiente, gera emprego, riqueza e desenvolvimento. A propaganda verde contribui também para abrir as portas de investidores e governos para os constantes projetos de expansão e seu financiamento com recursos públicos, portas que de outra forma talvez se abrissem mais dificilmente.

Além disso, departamentos florestais de governos nacionais e também processos internacionais estão se referindo à definição da FAO. Por exemplo, nas conferências (COPs) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC), a definição da FAO é considerada uma referência, o que significa que, além de florestas nativas, plantações de árvores possam se aproveitar da tendência de considerar as florestas como importantes reservatórios e sumidouros de carbono. Abre a porta para mais subsídios e mais lucros para o setor. Aliás, foi a próprio FAO que tem sugerido que “florestas plantadas” fossem incluídas no mecanismo REDD (Reduzindo Emissões de Desmatamento e Degradação Florestal).⁷

A definição favorece também uma imagem positiva sobre as monoculturas de árvores em larga escala em conferências como as da Convenção da Biodiversidade, enquanto todos/as sabem, até mesmo a própria FAO, que a biodiversidade em áreas de plantações é praticamente inexistente.

A situação se agrava ainda mais com a ofensiva da indústria para introduzir plantações comerciais de árvores transgênicas, abrindo a possibilidade de termos em breve “florestas” transgênicas em larga escala, com riscos de danos irreparáveis e até mesmo desconhecidos para as características genéticas das inúmeras espécies de árvores nativas nas florestas do mundo.

E o que pensar das plantações para produção de biomassa, que estão sendo incentivadas, sobretudo, para atender a demanda européia de atingir, até 2020, uma porcentagem de 10% de combustível “renovável” no consumo de energia do setor de transportes nos países da União Europeia?

⁷ <http://www.fao.org/docrep/012/al248e/al248e00.pdf>

Rumo ao futuro

Se a FAO é uma organização que representa os países e eles, por sua vez, têm governos que representam, pelo menos em tese, seus respectivos povos, entende-se que esses povos deveriam ser ouvidos antes que a FAO tome decisões que terão grandes conseqüências para os mesmos. Poderia se pensar em organizar consultas com populações que vivem e dependem das florestas para sua sobrevivência, para buscar, junto a elas, formas de participação efetiva nas decisões importantes da FAO que dizem respeito às florestas. Seria uma forma de a FAO garantir seu compromisso com a ‘neutralidade’.

Percebe-se que atualmente isso não ocorre apesar de que, no seu novo documento estratégico florestal para os próximos anos, a FAO não poupa boas intenções, chegando a afirmar que “*Silvicultura trata-se de gente*” (Forestry is about people)⁸. Mas infelizmente, por enquanto só é possível concluir que, para a FAO, ‘Silvicultura trata-se de empresas privadas’. Isso não mudará se apenas o setor corporativo de papel e outros produtos de madeira mantiverem parcerias com a FAO, enquanto no seu processo decisório não exista uma participação efetiva dos povos da floresta e outros que dependem das florestas.

Por isso, as organizações dos povos das florestas e/ou aqueles que dependem delas, além de outras entidades, ativistas e estudiosos que lutam pela conservação das florestas, precisam continuar questionando a FAO sobre a forma como esse órgão, subsidiado com recursos públicos, define a floresta atualmente. Essa forma causa prejuízos constantes na vida de inúmeras comunidades no mundo inteiro e enfraquece suas lutas de viver com dignidade.

O caminho que defendemos é que a FAO inicie urgentemente um processo de revisão da sua definição de florestas, buscando ouvir e garantir a participação privilegiada dos povos da floresta e de outros que dependem delas na construção e coordenação do processo. Isso seria um passo fundamental e uma definição importante na luta árdua pela conservação das florestas.

⁸ <http://www.fao.org/docrep/012/al043e/al043e00.pdf>